Mídia Jornal
Data/Edição Mar. 2022
Categoria Matéria
Evento Adriana Varejão: Suturas, fissuras, ruínas
Versão online https://oglobo.globo.com/cultura/artes-visuais/adriana-varejao-expoe-ruinas-de-um-projeto-chamado-brasil-em-retrospectiva-na-pinacoteca-de-sao-paulo-25447186

Veículo O Globo
Seção Cultura
Autor Ruan de Sousa Gabriel

DIVULGAÇÃO/SERGIO GUERINI

Panorama. As principais séries de Adriana Varejão, como "Azulejões", acima, estão presentes na exposição da artista, que revisitou o barroco numa época em que a cena artística se interessava por instalações, performances e fotografia

ADRIANA VAREJÃO EXPÕE AS RUÍNAS DE UM PROJETO CHAMADO BRASIL

RUAN DE SOUSA GABRIEL
rugabriel@oglobo.com.br
SÃO PAULO

A paixonada por Mário de Andrade, a artista plástica Adriana Varejão se espantou com uma coincidência ao ler o recém-lançado "O modernismo como movimento cultural", de André Botelho e Maurício Hoelz. Em sua primeira viagem a Ouro Preto, em 1919, Mário proferiu a conferência "A arte religiosa do Brasil" na Igreja Matriz de Santa Efigênia. Essa foi a primeira igreja que Varejão visitou em périplo pelas cidades históricas mineiras, em 1986. Lá, ela conta, teve uma "epifania". Desde então, a arte barroca que ajudou os modernistas a "descobrir o Brasil" influencia o trabalho da carioca, como atesta a retrospectiva "Adriana Varejão: suturas, fissuras, ruínas", em cartaz na Pinacoteca de São Paulo a partir de amanhã.

A mostra, a maior já dedicada a Varejão, distribui mais de 60 trabalhos em sete salas e no octógono central do museu. Produzidas entre 1985 e 2022, as obras representam as principais séries da artista, como "Terra incógnita", "Saunas e banhos" e "Azulejões". Cinco pinturas tridimensionais da série "Ruínas de charque" estão no octógono, incluindo duas recém-saídas do ateliê: "Moedor" e "Ruína 22". Esta última é uma coluna de carne vermelha revestida por uma tela que imita azulejos azul-piscina. No mesmo espaço, está "Ruína Brasília", apresentada em Nova York no ano passado: outra coluna de carne sangrenta, mas coberta por tela que reproduz azulejos verdes e amarelos. A obra foi doada à Pinacoteca pela artista.

— As colunas de carne expõem a fragilidade deste projeto chamado Brasil — diz Varejão. — Mário de Andrade tinha um projeto grandioso de Brasil, que incluía as culturas ditas populares. Esse projeto falhou porque, como país, nos faltam estruturas. Como canta Caetano em "Fora de ordem", citando Lévi-Strauss: "Aqui tudo parece/ Que era construção/ E já ruína".

O título da exposição, "Suturas, fissuras, ruínas", refere-se à maneira como Varejão interage com os materiais e ao tema que perpassa seu trabalho. Dos rasgos e rachaduras em suas telas irromperia o que a violência colonial tentou reprimir. Em "Quadro sangrento", de 1992, recentemente doado ao Masp, feridas vermelhas em alto relevo se sobrepõem a cenas coloniais.

— O corte abre passagem para o grito e traz uma certa corporeidade para a pintura — diz a artista, que desde o início da carreira apostou na tridimensionalidade.

Visão ampla. "Adriana Varejão: suturas, fissuras, ruínas" reúne obras produzidas entre 1985 e 2022, como "Altar amarelo", ao lado, e a coluna "Ruína 22", com a artista na foto abaixo, distribuídas em sete salas e no octógono central do museu paulista

FOTOS DE DIVULGAÇÃO

RETROSPECTIVA NA PINACOTECA DE SÃO PAULO APRESENTA MAIS DE 60 OBRAS QUE RETRATAM INFLUÊNCIA BARROCA NA OBRA DA ARTISTA CARIOCA E SUA VISITA AO PASSADO EM BUSCA DA HISTÓRIA DOS VENCIDOS

IDENTIDADE NACIONAL

Curadora da primeira exposição da artista na Bahia, em 2019, Luisa Duarte ressalta que Varejão "nadou contra a corrente" ao revisitar o barroco numa época em que a cena artística se interessava por instalações, performances e fotografia.

— Ela escova o passado a contrapelo para trazer à luz narrativas ocultadas pela História oficial. Seu ponto de vista é o dos vencidos — diz ela.

A galerista Márcia Fortes, que representa Adriana Varejão desde 1996, afirma que o trabalho da artista tem "encontrado cada vez mais aderência, pois fala do Brasil atual". "Suturas, fissuras, ruínas" é a primeira de uma série de exposições interessadas em discussões sobre identidade nacional previstas pela Pinacoteca para este ano. Haverá mostras de artistas como Ayrson Heráclito, Lenora de Barros e Dalton Paula.

— Como museu, qual história da arte brasileira queremos contar? — pergunta Jochen Volz, diretor-geral da Pinacoteca e curador da mostra. — Desde os anos 1980, Varejão desconstrói nossos hábitos de enxergar a cultura brasileira, fortemente influenciados pelo colonizador, que escolheu fechar os olhos para a violência.

(Colaborou Mariana Rosário)